



E ainda nesta edição...

Perispírito e o corpo mental

Pouco se fala e, por consequência, estuda-se sobre o corpo mental. Kardec não se ocupou dele. Informações mais abundantes encontramos nas obras do espírito de André Luiz. Outros autores que contribuem com o assunto são Durval Ciamponi em seu livro “Perispírito e corpo, mental” e Luiz Gonzaga Pinheiro, autor de “Perispírito e suas modelações”. (*Palavra dos Espíritos e dos espíritas*, pág. 4).

Excesso do mal, as encarnações passadas e os santos

Quando o mal atinge um ponto de quase insuportabilidade, indivíduos e coletividades reagem buscando os caminhos das reformas condutoras ao bem; a curiosidade sobre nossas experiências de outras vidas mais atrapalhariam do que ajudariam; e ter fé e veneração aos chamados santos? (*Perguntas & Respostas*, pág. 6).

Faculdade de Curitiba terá curso de Teologia Espírita

A reivindicação é antiga e agora, finalmente, a FALEC – Faculdade Dr. Leocádio José Correia, da capital paranaense, obteve a autorização do Ministério da Educação para ministrar o primeiro curso de Teologia Espírita do Brasil que funcionará já no próximo ano. (*Notícias*, pág. 02).

Comunica Ação Espírita

Órgão de difusão da Associação de Divulgadores do Espiritismo do Estado do Paraná

Site: www.adep.org.br - Redação: adep@adep.org.br
 “O Espiritismo será o que dele fizerem os homens.” - Léon Denis

Assinatura Anual: R\$ 30,00 Ano XXIX Curitiba - Setembro / Outubro de 2025 Nº 171
Assine e Recomende!

ADE-PR: 30 anos de caminhada

Edição especial, toda colorida. Para quem não acreditava, aqui estamos nós. Na linha do tempo são três décadas. Muito bem preenchidas, aliás. Se comemorações exteriores estão limitadas por razões diversas, ao menos em nossos corações o júbilo é imenso.

E a fé que nos trouxe até aqui é a mesma que nos faz acreditar que um círculo, talvez restrito, porém muito ativo, constituído por seres da outra dimensão da vida, também expressa satisfação. Afinal, nunca estivemos sós.

Nas horas mais difíceis desta história que começou em 27 de outubro de 1995, sempre lá estavam eles, discretos, serenos, confiantes. Sem mensagens ostensivas, sem intervenções facilmente perceptíveis. E, no entanto, era possível sentir-lhes as presenças, receber as intuições silenciosas explicando, estimulando, orientando.

Do lado de cá, uma tarefa modesta, algumas pessoas bem-intencionadas, um futuro incerto, passo a passo, dia após dia.



Nós e eles. Trabalho em equipe. Divisão de responsabilidades. União em torno de um objetivo: esforço máximo para colocar o conhecimento espírita ao alcance de algumas pessoas. Quantas? Dezenas, centenas, milhares? Não importa.

Basta saber que são sempre sementes selecionadas e lançadas aos diversos tipos de solo, até os pedregosos e aos espinheiros. Não podemos nos dar ao luxo de escolher terrenos ou alvos.

O necessário é deixar que os ventos da comunicação carreguem as palavras escritas ou faladas e a proposta espírita de renovação da alma assente nas mãos, mentes e corações dos aflitos e sedentos de verdades (*Editorial*, pág. 2).

Disciplina, força de vontade e responsabilidade

Poderíamos dizer que estas palavras que representam três virtudes se fazem presentes em um só texto por mero acaso. Mas e se este não existir sequer para as menores situações? Enfim, o fato é que reunimos aqui quatro autores e seus aforismos entrelaçando os mesmos temas. Jon Rohn, Ésquilo, Camus e Confúcio sintetizaram e nós procuramos fazer a análise. (*Trocando em Miúdos*, pág. 5).

O nada e a onipotência

Novamente podemos associar não só os dois termos acima como, ainda, o orgulho. Nietzsche e Jean Paul Sartre só viam o nada. A vida carece de valor e sentido e Deus não existe. Simples ceticismo ou puro orgulho? Não reconhecer a existência de um Ser Superior pode trazer não só desamparo e confusão perante a vida, mas, também, infrações à lei de causa e efeito. Pagar como? (*Conexões e Reflexões de A a Z*, pág. 7).

A documentação em livro dos fenômenos das materializações

Imagine o leitor estar frente a frente com um espírito materializado. Agora imagine que, além de se mover, falar, distribuir flores aos presentes, ele também produza letreiros luminosos, faça moldes de membros do corpo em parafina e gesso ou pinte uma aquarela de Allan Kardec. É o que nos narra o jornalista Américo Ranieri. (*Livros que eu recomendo*, pág. 8).

30 anos de ADE-PR

Poderíamos aqui estar lamentando os percalços do caminho. Poderíamos recordar o tratamento inicial dirigido à ADE-PR, vista com certa desconfiança, às vezes, menosprezada. Poderíamos lembrar de algumas portas injustificadamente cerradas diante de nossos olhos em tempos de busca de afirmação e de pequenos apoios. Ou de prognósticos pessimistas que profetizavam a falência orgânica da instituição nascente.

Porém, não faremos isso. Talvez tudo tenha sido necessário para nos desafiar e fortalecer o ânimo, seguindo o curso traçado em algum momento e em algum lugar. Figuradamente hoje, mas oficialmente em 27 de outubro, a Associação de Divulgadores do Espiritismo do Paraná completa 30 anos!

Provavelmente nem pelas cabeças de seus fundadores e primeiros colaboradores tal data se esboçou no horizonte quando este registro ocorreu. Após algumas reuniões preliminares a partir de fevereiro daquele ano de 1995, um grupo de pessoas motivadas pela ideia inicial de se criar no Paraná uma entidade de divulgação espírita similar a outras que estavam surgindo em outros estados, e reforçadas por um grupo de espíritas que atuavam de forma informal com Feiras do Livro, atendimento fraterno através do telefone e do Clube do Livro, unidas e somadas, constituíram a primeira diretoria.

Desde então, dezenas de colaboradores passaram pelos nossos quadros de gestores, sócios, assinantes e anunciantes deste jornal, sócios do Clube do Livro, mantenedores do programa de Tv *Diálogo Espírita*, voluntários nesta ou naquela tarefa. Muitos já partiram para a dimensão

espiritual deixando o vazio de suas presenças, suas palavras de incentivo. Outros afastaram-se por desinteresse ou por necessidade.

Alguns ficaram, outros foram tomando os lugares dos retirantes. Alguns cargos do Conselho de Administração nunca se conseguiu preencher. Faltam pessoas para colocar em prática as boas ideias que o plano espiritual inspira ou a habilidade dos que estão à frente elabora. A equipe na Tv está aquém do ideal quanto ao número de seus apresentadores. Seguimos carentes de recursos financeiros.

Contudo e a despeito de tudo isso, seguimos fortes, acusando, às vezes, os solavancos do caminho, porém, sem jamais esmorecer. Hoje são 30 anos. Quem sabe se chegue aos 35 ou 40? O homem faz ou alimenta intenções, nem tudo Deus endossa.

O fato é que, muitas vezes deixada à margem, a ADE-PR cumpre com o que se propôs: levar ao maior número de pessoas possíveis a mensagem de encorajamento e iluminação revelada pelos Espíritos Superiores ao mestre Allan Kardec.

As palavras, comentários, referências trazidas pelos ventos sobre o valor deste periódico, em circulação há 28 anos, e as repercussões do *Diálogo Espírita* na Região Metropolitana de Curitiba que se mantém no ar há 12, é uma recompensa muito maior do que todo o investimento de recursos, tempo e trabalho exigido de todos os aaneanos ao longo destes 30 anos.

Só nos resta agradecer a Deus pela abençoada oportunidade de trabalho e aprendizado e por ter nos trazido até aqui.

Ainda, segundo a matéria, além de consolidar o espiritismo como objeto de estudo universitário, o bacharelado também abre caminho para novas pesquisas, produção acadêmica e maior diálogo entre a doutrina e outras áreas do conhecimento, como filosofia, sociologia, história e psicologia.

Você sabia? - Ian Stevenson

O jornal “Opinião”, nº 254, de agosto/2017 relatou que o grande pesquisador da reencarnação teve Chester Carison, inventor da Xerox, como seu patrocinador nas viagens que o pesquisador empreendeu à Índia e Sri Lanka na década de 1960 do século passado.

Ao morrer, em 1968, ele doou à Universidade de Virgínia um milhão de dólares para manter as pesquisas sobre reencarnação e outro milhão ao próprio Stevenson. Na mesma época, o psiquiatra suíço Karl E. Muller, dedicado ao mesmo assunto, destacou em livro as diferenças entre evidências diretas da reencarnação (p. ex., as recordações de vidas passadas) e indiretas (crianças-prodígio).

Stevenson era canadense, estudou a reencarnação, aparições, poltergeist e mediunidade. Só sobre a reencarnação foram 38 anos de pesquisas a partir de 1961 e, pelo menos, 2600 casos.

Assinatura anual do jornal: R\$ 30,00.

Depósito Banco do Brasil

Agência 2823-1 conta corrente 205.755-7

CNPJ: 01.470.216.0001-83.

Informações pelo e-mail: adepr@adepr.org.br



Editor
Wilson Czerski

Jornalista Responsável
Ricardo A. Dias - DRT-PR 5504

Diagramador
Aparecido José Orlando

EXPEDIENTE Jornal COMUNICAÇÃO ESPÍRITA

Órgão de divulgação da Associação de Divulgadores
do Espiritismo do Estado do Paraná (ADE-PR)

Endereço para Correspondência
Rua João Soares Barcelos, 2715 / B-6
Boqueirão - Curitiba - PR
81670-080

Tiragem desta Edição
600 exemplares

Impressão
Folha de Londrina

A edição de dez anos atrás, setembro-outubro de 2015 e nº 111, destacou na primeira página a seguinte manchete: “A Medicina de mãos dadas com o espírito”. E a razão para isso foi a realização do 1º Simpósio Paranaense de Saúde e Espiritualidade, promovido pela AME-PR, Associação Médico-Espírita do Paraná, nos dias 19 e 20 de setembro daquele ano.

Para um público médio nos dois dias de 280 pessoas, estiveram como palestrantes, Gilson Roberto, então presidente da AME-Brasil e AME-RS, que falou sobre “Ansiedade”; Andrei Moreira, da AME-MG falando sobre “Síndrome do Pânico e Fobias”; Gelson Luís Roberto com o tema “Suicídio e alma”; Décio Iandoli Júnior, da ADE-MS, discorrendo sobre “Fisiopatologia Espiritual e Câncer”, Marlos Reidkal e “O Cultivo da tristeza”, além de novamente Gilson Roberto com o tema “Fibromalgia e a Linguagem Simbólica do Corpo”, Décio Iandoli com “Fisiologia do Envelhecimento por uma visão Transdimensional” e, ainda, André Moreira expondo sobre “Depressão”.

O **Editorial**, página 2, teve por título “Por que morreu o menino sírio”, referência a Aylan Ahenu cujo corpo foi encontrado morto em uma praia da Turquia. Ele, a mãe e um irmão pereceram afogados após a embarcação de refugiados com o qual tentavam atravessar o Mar Mediterrâneo em direção à Europa naufragou. Eles fugiam da guerra civil na Síria que já matara 240 mil pessoas.

Vale reproduzir algumas frases do texto. Na seção “Cartas” da revista que trouxe inicialmente a reportagem, pessimista, um articulista escreveu que: “O caso do menino só terá o poder de comover o mundo por uns poucos dias. Nossa verniz humanitário é superficial”. Como contraponto, outra afiançava que “Esse menino veio ao mundo com a missão de despertar as pessoas para a necessidade de compaixão e união entre os povos. Foi um mártir”.

Hoje, o ditador Bashar Al-Assad foi deposto e o país vive incertezas quanto ao futuro. Mas as guerras insanas continuam em outras partes do mundo como na Ucrânia e na Faixa de Gaza.

O antepenúltimo parágrafo do Editorial dizia: *O fato é que, como já pensava Tomás de Aquino, mesmo o Mal se reverte no Bem. Para a sabedoria divina, nenhum acontecimento é em vão. Isto não significa que tenha sido da vontade de Deus que Aylan, seu irmão e mãe tenham morrido afogados. Mas, com certeza, não aconteceu sem que Ele soubesse ou permitisse.*

Ainda na página 2, em “MSF: solidariedade à família humana”, um apelo às doações à organização dos Médicos Sem-Fronteira, fundada em 1971 e que socorre pessoas do mundo inteiro vítimas de catástrofes naturais, fome, enfermidades e das guerras.

No **Autorretrato**, o destaque ficou por conta da transformação do periódico “ADE-PR Informativo” para o tabloide no formato atual e modificação do nome para “Comunica Ação Espírita”. E o marco da transformação foi a edição de nº 52 no último bimestre de 2005, portanto, há 20 anos.

Na seção **Livros que eu recomendo**, na página 4, o livro apresentado foi “Fenômenos de Transporte”, do pesquisador italiano Ernesto Bozzano. Para quem gosta de conhecer e estudar os fenômenos mediúnicos de efeitos físicos, é um prato cheio. Casos extraordinários de

transposição da matéria, todos documentados e analisados pelos olhos de quem sabia tratar os fatos com o rigor da Ciência. Se ainda não leu, leia.

Na página seguinte, estampamos uma fotografia de Cairbar Souza Schutel porque foi sobre ele que tratamos na seção **Traços Biográficos**. Como sempre lembramos, não só esta, mas qualquer matéria publicada neste jornal a partir da edição 100 pode ser revisitada em nosso site www.adep.org.br. Por essa razão não vamos nos alongar aqui sobre o conteúdo do referido texto.

Na página 6, em **Lentes Especiais**, duas notícias. Na primeira, “O melhor tipo de morte”, resumindo um colunista da revista *Veja* reportando-se a uma pesquisa sobre o modo preferido caso as pessoas pudessem escolher o tipo de morte.

O pior, segundo a maioria, seria a por demência. O médico Richard Smith, autor da pesquisa, manifestou o desejo de ser vitimado por um câncer por permitir as despedidas, refletir sobre a vida, deixar as últimas mensagens, visitar lugares especiais, ouvir as músicas favoritas, certificar-se sobre os relacionamentos pessoais e deixar os negócios em ordem. Quanto à morte súbita, não seria somente pela ausência de dor, mas pelo desejo de não ter que encarar a morte de frente e a incerteza quanto a estar pronto para o desenlace.

“A reencarnação compulsória do Dalai Lama”, foi o título da outra matéria da página 6. Lideranças do Partido Comunista Chinês pretendiam impor ao atual Dalai Lama uma nova reencarnação. Pode soar como piada, mas não é. Trata-se de uma questão política, visto que o Tibete é um território ocupado pela China e rumores de que o Dalai Lama não pretendia mais reencarnar irritou o PCC.

Na página 7, além do artigo “O jovem espírita e os problemas sociais”, assinado por Carlos Augusto do Espírito Santo, tivemos em **O que dizem os outros jornais**, a matéria “Resgates Coletivos”.

Ali fizemos menção ao capítulo III, ‘Mortes Coletivas’ do livro “Destino: determinismo ou livre-arbítrio?”, do nosso editor Wilson Czerski, publicação da Editora EME.

No referido capítulo, são analisados os casos do *Titanic*, do holocausto nazista, o atentado de 11 de Setembro e o *tsunami* na Ásia, em 2004. No capítulo seguinte, “Estudo de Casos”, aborda-se o incêndio do circo em Niterói, em 1961, com 503 vítimas fatais, entre outros.

Na “Revista Internacional de Espiritismo”, de julho/2015, Octávio Caúmo Serrano escreveu sobre “Desencarnes coletivos como resgates”, iniciando por dizer que “afirmar que todo desencarne coletivo é resgate conjunto de atos anteriores é meio fantasioso...”.

Entre outras diversas observações, chamamos a atenção para a questão 737 de “O Livro dos Espíritos” na qual os Instrutores falam somente em provas e não em expiações.

E fechando a edição nº 111, na página 8, na seção **Perguntas & Respostas**, procuramos esclarecer sobre duas perguntas. A primeira delas tinha como teor o seguinte: *O que se pode fazer para ajudar uma pessoa que desencarna sem saber da realidade da vida depois da morte?* E a segunda foi: *Se assassinato é crime diante dos olhos de Deus, que podemos dizer sobre aqueles policiais e soldados que tiram a vida de alguém durante a execução do seu trabalho? Ele é perdoado?*

De que o homem é constituído por três elementos distintos, corpo, espírito e perispírito, nenhum espírita duvida. Aprendemos isto praticamente na primeira vez que entramos em um centro espírita. Porém, o mesmo já não se dá quando o assunto é o corpo mental. Dúvidas, contradições e mesmo polêmicas cercam o assunto.

Iniciemos o nosso estudo com uma obra que o título já revela a centralização do tema: “Perispírito e corpo mental”, de Durval Ciamponi. Vamos direto às páginas 112 e 113 do livro nas quais o autor remete o leitor para visitar algumas questões de “O Livro dos Espíritos”. Não teremos espaço aqui para entrar em detalhes, muito menos para reproduzir o conteúdo destas questões, por isso, recomendamos fortemente ao nosso leitor que apanhe o seu exemplar da Obra Básica em referência e acesse os ensinamentos dos Espíritos a Kardec antes de seguir com a leitura deste texto.

Ciamponi aponta, por exemplo, que a Codificação traz a ideia do corpo mental nas entrelinhas das questões 186 e 228 em consonância com outras como a 27 e 188. Na questão 228, enfatiza Ciamponi, os Instrutores Espirituais informam que “os Espíritos elevados, perdendo seu envoltório físico, deixam as más paixões...”. Nesse ponto, o autor trata indistintamente do perispírito e corpo mental, entretanto, em outros momentos, deixa bem claro o seu entendimento de que o mental é o estrato mais alto do perispírito, subsistindo a todas as transformações evolutivas do ser.

Na questão 228, dizem-nos os Instrutores que os Espíritos de primeira ordem perderam o seu invólucro; na 186 contradizem informando que quando não se necessita mais de corpos materiais, resta-lhes o perispírito “tão etéreo que, para vós, é como se não existisse”. E na questão 113 consta que ao atingir à condição de espírito puro (primeira ordem) não estão mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, confirmado pela 284.

O assunto é empolgante, mas como frisamos, não há espaço para mais amplas considerações do livro de Ciamponi que julgamos fundamental para a compreensão mais ampla do assunto. Por isso, vamos em frente.

Sem entrar no mérito do exposto, passemos agora a algumas informações contidas no livro “Perispírito e suas modelações”, de Luiz Gonzaga Pinheiro. Linhas antes da página 185, baseado em relatos mediúnicos, ele descreve a situação do perispírito de pessoas que desencarnaram em morte violenta como acidentes aéreos e incêndios, por exemplo.

Então, ele deduz que a deformação se fixará por imagens no corpo mental e não no perispírito propriamente dito. Em alguns casos de suicídios, ao reencarnar, será um quisto ou mioma; não sobreviverá. Depois, talvez, terá hanseníase nos órgãos e será deficiente mental.



A Codificação traz a ideia do corpo mental nas entrelinhas

Mais à frente, Gonzaga ecoa a informação mediúnica: o corpo mental de um espírito elevado tem a anatomia do perispírito, mas é “só luz”. Juntando as informações e pelo nosso próprio raciocínio, é possível concluir que no caso de espíritos menos evoluídos, assim como o Espírito (e perispírito) precisam das experiências terrenas e também um desencarnado em sofrimento precisa de um médium para se manifestar, o corpo mental precisa do cérebro do perispírito.

Na “Revista Internacional de Espiritismo”, dezembro/2018, Ricardo Di Bernardi também oferece as suas contribuições. Primeiro informando sobre alguns sinônimos para corpo mental, como cefalossoma, corpo parapsíquico, corpo intelectual, corpo racional.

Ao contrário do corpo astral – *sic* que se exterioriza como um corpo, o mental é um campo, conjunto de energias sutis percebido pelos clarividentes como uma neblina luminosa, às vezes, azulada ou dourada ou até branca.

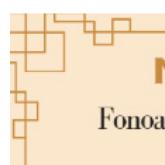
Tal como o corpo astral interpenetra molécula a molécula o corpo físico quando em vigília, o mental interpenetra o astral mesmo após a desencarnação.

Correntes espiritualistas falam de ouro ligando o mental e o astral observado nos desdobramentos e nos desencarnados. O corpo mental não tem nenhum apêndice ligando-o diretamente ao físico.

Após os 50 anos de idade há predomínio da manifestação da consciência pelo mental sobre todas as ações diárias devido ao fato de que o corpo dos desejos ou astral reduz sua expressividade superando parcialmente os impulsos emocionais nas decisões, mas isso é uma tendência e não ocorre com todas as pessoas.

Zalmino Zimmermann, no livro “Perispírito”, informa que o corpo mental foi fotografado por Baraduc. Outros pesquisadores da época falam no corpo causal (vontade e memória), mas, talvez, fosse só um princípio causal, conjunto ou união de princípios. As fotografias com constante localização era um globo luminoso envolvendo o cérebro.

No livro “A dança das energias”, pág. 59, encontramos que “... perispírito. A região energética desse corpo onde se reflete a atividade psíquica do espírito é o corpo mental, corpo útil da alma que preside a criação do persipírito”, segundo André Luiz.



MARIA ANA DE BRITO VALIM

Fonoaudióloga e Psicopedagoga
CRF 9353/PR

+55 41 9.9976-4833

maria_anavalim@hotmail.com

Av. Sete de Setembro, 4214, conj. 203
80250-210 - Batel

Fonoaudióloga: Mestre em Distúrbios da Comunicação
Disfagia: Parkinson, ELA, TCE (neurológicos)
Linguagem: Adulto nas afasias e demências e Infantil: Avaliação e Terapia; Terapia do Processamento Auditivo Central (PAC)
Atendimento: Particular - Domiciliar e Consultório

Pedagoga: Especialista em Psicopedagogia
Avaliação e Terapia Psicopedagógica
Orientação Institucional e Familiar
Atendimento Particular no Consultório

Em qualquer empreitada a disciplina é fundamental. Jim Rohn (1930-2009) pronunciou-se assim sobre ela: **Disciplina é a ponte entre metas e realizações.** Jim sabia do que estava falando. Ele atuou como empreendedor e palestrante motivacional. Construiu uma bela imagem falando da disciplina como uma ponte capaz de unir o espaço entre o que se deseja e a realização. A disciplina é fator essencial na conquista dos nossos ideais.

Com as aquisições dos bens espirituais não é diferente. A começar pela adesão à Doutrina Espírita. Examinada sob qualquer dos seus três aspectos, filosofia, ciência, religião ou moral, ela requer muita disciplina para estudá-la e praticá-la. Kardec alertou em várias oportunidades que o Espiritismo não pode ser bem compreendido com breves leituras.

Mesmo que ele, assessorado pelos Espíritos Superiores, tenha nos legado uma doutrina muito bem estruturada, acessível até às pessoas mais simples, cada um tem que fazer a sua parte.

Ninguém é capaz de transplantar para a memória de quem quer que seja o conhecimento de uma filosofia ou ciência, por mais didática que seja a sua composição. E, menos ainda, ninguém é capaz de colocar as mãos na obra que nos pertence. O mérito é individual e intransferível.

Ser espírita exige isso, disciplina para ler muito, estudar, refletir, pesquisar, comparar. E exige muito mais no sentido de trabalhar a sua intimidade, o combate às suas más tendências, a busca pela sua reforma moral, a conquista das virtudes que fazem o ser humano um homem e uma mulher de bem, extirpando, por conseguinte, pouco a pouco, os defeitos de caráter.

Adotar o Espiritismo na vida implica em assumir um compromisso dos mais graves. Dentre todas as áreas envolvidas, citamos apenas uma, a mediunidade. Esta é um dom, uma faculdade que Deus concede a algumas pessoas para que elas sejam portavozes da imortalidade, mensageiros de consolações e esclarecimentos.

A mediunidade é um talento precioso que precisa ser bem cuidado para que não se torne motivo de decepções e comprometimentos de ordem espiritual. No início da missão mediúnica de Francisco Cândido Xavier, Emmanuel, seu mentor espiritual, deu-lhe a receita. Eram três pontos básicos: o primeiro era a disciplina; o segundo, a disciplina e o terceiro, a disciplina.

Como todos sabemos, Chico Xavier foi um completista e deixou uma obra monumental para a Humanidade. Levou ao pé da letra a orientação de Emmanuel com quase sete décadas de trabalho e mais de 450 obras psicografadas.

Mas, mesmo para os padrões normais de nós outros, a disciplina, seja na área da mediunidade ou qualquer outra que envolva o Espiritismo, só angariaremos sucesso à custa de muita força de vontade e disciplina.

O dramaturgo grego Ésquilo (525 ou 524 a.C – 456 ou 455 a.C), o pai da tragédia, escreveu que **Quando um homem tem força de vontade, os deuses dão uma ajuda.** O mundo helênico não conhecia ou não admitia o monoteísmo judeu, por exemplo. Por isso, ele fala em deuses. E se substituirmos “deuses” por “bons espíritos”?

Com este detalhe à parte, o que ele quis dizer é o mesmo que Jesus lecionou cerca de cinco séculos depois ao recomendar *Buscai e achareis, batei e abrir-se-vos-á, pedi e obttereis.* Só procura, esforça-se para

encontrar uma porta, ainda que esteja momentaneamente fechada, e pede, especialmente, ao Pai, quem tem disposição para receber e conquistar.

Pelo preguiçoso, negligente, ao fraco de vontade, dificilmente alguém estenderá a mão. Mesmo contando com toda a bondade divina, a ajuda tem que ser merecida. Caso contrário, estes que nada de si oferecem para obter algo seriam premiados pela incompetência, apatia e desleixo.

Do popular, *Deus ajuda quem cedo madruga*, isto é, apresenta disposição para o trabalho, concretiza o seu desejo de progresso através do esforço próprio. A estes, Deus e os bons espíritos, seus cooperadores, estarão sempre predispostos a estimular, aumentar-lhes as forças, abrir caminhos, inspirar ações que contribuam para culminar com o almejado pelo indivíduo desde que o pretendido seja justo, honesto e útil.

Vejamos agora o que nos dizem Albert Camus e Confúcio sobre a responsabilidade. Comecemos pelo Nobel de Literatura argelino. Independentemente de se concordar ou não com muitas de suas ideias e posicionamentos políticos, o fato é que Camus foi um brilhante escritor, jornalista, dramaturgo e teve importante papel no que hoje chamamos de ativismo social.

É dele a seguinte frase: **Somos responsáveis por aquilo que fazemos, o que não fazemos e o que impedimos de ser feito.**

Não há como logo não lembrar da questão 975 de “O Livro dos Espíritos” quando os instrutores espirituais explicam que (...) o Espírito sofre por todo o mal que fez ou do qual foi a causa voluntária, por todo o bem que poderia fazer e que não fez e por todo o mal que resulta do bem que não fez...”. Tudo a ver, não é mesmo?

Então, bem compreendido o esclarecimento trazido pelos espíritos a Allan Kardec, a afirmação de Camus só faz um complemento. Somos responsáveis pelo bem e pelo mal praticados, pelo bem que deixamos de praticar não por impossibilidade, mas por clara omissão, e pelo mal que resulta deste mesmo bem não executado. Nada mais a acrescentar.

Outro aspecto concernente à responsabilidade é o da sua transferência quer no tempo, quer de sujeito, destaque do nosso outro ilustre pensador. Para Confúcio, **O homem superior atribui a culpa a si próprio; o homem comum, aos outros.** Então, novamente, a escolha é nossa de como desejamos ser vistos, ou melhor, muito mais importante do que isso, como desejamos nos sentir: comuns ou superiores, ao menos, neste aspecto.

Poucos são aqueles que assumem plenamente seus erros como causadores de suas mazelas. Temos a tendência de fazer esta transferência para outrem. A culpa pelos nossos dissabores são sempre dos outros: os pais, o cônjuge, o parente, o vizinho, o patrão, o outro motorista, o governo, o clima, o espírito obsessor, o azar, e até Deus.

Falta-nos coragem e humildade para admitirmos que, no fundo, no fundo, só podemos atribuir a culpa pela infelicidade que se abate sobre nossa pessoa a nós próprios. E isso vale tanto para o dia a dia da vida material, quanto aos relacionados à vida moral. Se formos espíritas, então, muito menos cabe qualquer tipo de reclamação neste sentido, pois sabemos que, pela lei de causa e efeito, recebemos exatamente aquilo que fizemos por merecer com nossas ações – ou omissões, como examinado, linhas acima. É o conhecido “A cada um, segundo suas obras”, pronunciado pelo Cristo.



Disciplina - ponte entre metas e realizações

Tomemos parte de uma resposta dos Instrutores da Codificação para formularmos a nossa primeira pergunta. A ideia não é duvidar da afirmação dos orientadores de Allan Kardec, mas tentarmos extrair algo para além do que é perceptível a uma simples leitura da referida questão.

Na pergunta 784 de “O Livro dos Espíritos”, encontramos que **É preciso o excesso do mal para fazer compreender a necessidade do bem e das reformas**. Ao final do que, como dissemos, acrescentaríamos um ponto de interrogação.

Bem conhecida no meio espírita é a expressão “pelo amor ou pela dor”, muitas vezes, aplicada, ao nosso ver, erroneamente, com o sentido de adesão ao Espiritismo. Tem sido usada com frequência em relação a outros credos religiosos ou de aproximação com o Cristo.

Pessoalmente interpretamos com um significado mais amplo, entendendo que os caminhos alternativos da dor e do amor são as opções de todas as pessoas, independentemente de espíritas ou não, para se chegar à condição de homem ou mulher de Bem. Um dia todo indivíduo tem que despertar, “cair em si” como diz o Evangelho.

Sendo assim, o sofrimento talvez seja mesmo uma espécie de remédio para fazer com que o indivíduo acorde de seu sono letárgico, às vezes, de muitos séculos e reencarnações, para a necessidade de trabalhar pelo seu desenvolvimento espiritual. O indivíduo não pode dormir eternamente. Chega um momento em que ele é obrigado a assumir a responsabilidade pelos seus próprios passos para evitar a estagnação de si e de seu grupo familiar.

Se esta tomada de decisão não ocorre por deliberada iniciativa própria, isto é, a construção voluntária do bem, as leis divinas encarregam-se de promover a correção de rumo ou o impulso dos primeiros passos através de choque doloroso.

Convenhamos que seria bem melhor optar pela primeira das possibilidades. Mas como somos ignorantes, teimosos e orgulhosos, agimos da nossa maneira e, lamentavelmente, geramos situações adversas, cometemos erros e pagamos por eles.

As dinâmicas das sociedades e da humanidade como um todo impõem a mesma necessidade. Algumas vezes parece que sem a ocorrência de certos fatos-limite, as pessoas não despertam, não se conscientizam sobre a necessidade de reagir ante determinadas manifestações ou freqüências de comportamentos absolutamente exageradas e inaceitáveis.

Se há ocasiões para o exercício da resiliência e paciência, em outras, espera-se a proatividade. Não deveríamos aguardar o mal tomar conta de tudo para nos levantarmos em indignação e combate. Sempre melhor prevenir do que remediar. Até porque, muitas vezes, este remediar vem de modo muito tardio quando já fez muitos estragos, causando sofrimento e perdas.

Infelizmente, outra questão da obra básica do Espiritismo explica por que isso acontece. Dizem-nos os Instrutores na questão 932 que o domínio do mal prevalece ainda no atual estágio de progresso moral da humanidade pelo simples fato de que enquanto os maldosos agem com audácia e intriga - e quantos desvios de conduta ocultam-se por detrás destas duas palavras -, os que poderiam lhes fazer frente e impedir a disseminação da maldade são tímidos – e de novo, qual o profundo significado deste último termo!

Como posso saber das minhas outras encarnações? Começamos respondendo com outra pergunta: Saber para quê? Se for por mera curio-

sidade, esqueça. Embora, algumas vezes, nossas reflexões possam nos levar ao questionamento sobre a razão do esquecimento das vidas anteriores, o fato é que se Deus preferiu que assim fosse, é porque é o melhor.

Sabemos sobre algumas destas razões. O prejuízo provável que as lembranças provocariam na atual existência, despertando o orgulho por um passado de glórias, poder, riqueza, beleza ou vergonha e remorso inútil por graves delitos cometidos.

Recordar o que fomos e, principalmente, o que fizemos, poderia, também, comprometer seriamente muitas ou todas as nossas experiências interpessoais. Como encarar agora ao nosso lado alguém a quem muito prejudicamos ou por ele fomos prejudicados? Quantas brasas de ódios seriam reavivadas? Quantas mágoas e ressentimentos se interporiam nos frágeis laços de amor que ora estão sendo tecidos?

Importa pouco agora as personalidades do passado, os papéis desempenhados no palco da vida nas diversas peças em quem já atuamos. O que devemos valorizar é o presente visando o futuro, escolhendo possibilidades de, ao contrário da atuação na dramaturgia, criar, representar, transmitir e aplicar somente o bem.

Do pretérito, guardamos no inconsciente ou memória extracerebral as experiências e aprendizados que não se perderam. Fixar-se em seus pormenores não alterará em nada as nossas carências atuais. E para casos especiais, soluções especiais e extraordinárias. Se, realmente, houver uma necessidade terapêutica de encontro com trechos ou experiências específicas do passado, as respectivas lembranças ou vivências virão à tona, quer através dos sonhos, intuições no estado de vigília, revelação espiritual ou até mesmo através da Terapia de Vidas Passadas.

Devemos acreditar em santos? Quem são os santos? São pessoas ligadas à Igreja Católica que após passar por uma série de investigações e avaliações das realizações conhecidas em sua última existência, tiveram seus nomes elevados à esta categoria especial de almas.

Não nos cabe, pois, discutir os critérios utilizados pelo Vaticano para definir quem merece ou não receber a denominação de santo ou santa. Se buscarmos na História e, principalmente, na fonte da própria Igreja, provavelmente, constataremos que a maioria, senão a totalidade destas figuras, fizeram algo de especial, marcando suas vidas pela prática das virtudes como a caridade, por exemplo. Talvez a parte mais questionável seja em relação à produção dos chamados milagres, visto que nós espíritas não acreditamos na existência dos mesmos.

Alguns destes chamados santos contribuíram com a obra da Codificação Espírita, como Agostinho. Outras figuras são muito respeitadas em nosso meio, dando, inclusive, nome a instituições como Antônio de Pádua, Francisco de Assis e outros.

Enfim, não há nada de errado em se cultivar respeito, admiração, fé e devoção a alguns dos denominados santos, entendendo-se, porém, que todos eles são espíritos mais ou menos elevados como de resto tantos outros ligados às outras religiões, também merecedores das nossas orações como Bezerra de Menezes, Francisco Cândido Xavier, Joanna de Ângelis, Cairbar Schutel, Joana D'Arc ou Buda.

A única restrição talvez válida seja a de prosseguirmos nos referindo a eles com o termo santo que nos remete imediatamente à Igreja Católica, embora, seja até certo ponto comprehensível e tolerável por ser um indicativo de identificação mais rápida.

Nesta edição seguimos nosso passeio pelo alfabeto, detendo-nos momentaneamente nas letras “n”, “o” e “p”. A que nos remete determinadas palavras? O que podemos aprender com algumas delas? Quais as conexões, enfim, que encontramos delas com o Espiritismo?

NADA. (...) é permitido a todo indivíduo que tenha consciência da verdade regularizar sua vida como bem entender, de acordo com os novos princípios. Neste sentido, tudo é permitido [...] Como Deus e a imortalidade não existem, é permitido ao homem novo tornar-se um homem-deus, seja ele o único no mundo a viver assim”.

Esta frase de um dos personagens de “Os Irmãos Karamazov”, de Dostoviéski, foi adaptada por Jean Paul-Sartre e assim passou a ser mais conhecida: (...) Se Deus não existe, então tudo é permitido”.

Filósofos existentialistas como o francês Sartre e o alemão Nietzsche foram partidários do niilismo, ou a ideia do nada. A vida não tem sentido, propósito ou valor. O ser humano nada vale e nenhum conhecimento está ao nosso alcance.

A tudo isto o Espiritismo se opõe firmemente. Com efeito – acentua Allan Kardec logo na Introdução de “O Livro dos Espíritos” –, o espiritismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista.

Na questão 148 da obra citada, encontramos: (...) O nada, aliás – respondem os Instrutores –, os amedronta mais do que o demonstram, e os espíritos fortes são, frequentemente, mais fanfarrões que corajosos. No mais das vezes são materialistas por não terem nada com que encher o vazio do abismo que se abre diante deles.

Em nota ao final do capítulo III de “A Gênese”, o Codificador assim se manifesta: As doutrinas materialistas trazem em si o princípio de sua própria destruição. Têm contra si... suas consequências morais, que farão sejam elas repelidas como dissolventes da sociedade... O desenvolvimento intelectual conduz o homem à pesquisa das causas. Ora, por pouco que ele reflita, não tardará a reconhecer a impotência do materialismo para tudo explicar. Como é possível que doutrinas que não satisfazem ao coração, nem à razão, nem à inteligência, que deixam problemáticas as mais vitais questões, venham a prevalecer? O progresso das ideias matará o materialismo, como matou o fanatismo.

O nada não existe, releva a ciência. O universo é composto por 72% de energia escura, 23% de matéria escura, 4,6% de átomos e menos de 1% de neutrinos, ou seja, menos de 5% de matéria como a conhecemos. E por trás de tudo isto está Deus.

Imagine-se o choque de Sartre, Nietzsche e seus parceiros de ideias ao desencarnar e descobrir que a vida continua estuante do lado de lá e terem que reconhecer as limitações de suas vãs filosofias como já alertara Shakespeare.

ORGULHO. A soberba, a arrogância, a prepotência humana, representada no tópico anterior pelos niilistas e materialistas de um modo geral podem ser resumidas em outra palavra, orgulho, tão bem tratada, não só nas Obras Básicas, mas de resto em tantas outras que nos alertam para os graves inconvenientes dos seres humanos o alimentarem. Juntamente com o egoísmo, dizem-nos os Espíritos, são as duas maiores chagas morais.

Orgulho é o sentimento de prazer, de grande satisfação com o

próprio valor, com a própria honra e difere de amor-próprio, sentimento positivo de quem reconhece o seu próprio valor e reivindica para si o respeito das outras pessoas.

Não devemos confundir o uso da palavra orgulho quando nos referimos à satisfação desfrutada ao atingirmos algum objetivo justo e nobre na vida, mesmo que seja do âmbito exclusivamente material. Ou, ainda, o orgulho que sentem os pais com o sucesso dos filhos na escola, na profissão e em todos os demais aspectos da vida. O que se condena é o orgulho ostensivo e desmedido, a soberba. Olha aí uma parente do orgulho. Poderíamos dizer que o orgulho é o amor-próprio adoecido.

A soberba é “a manifestação de orgulho, de pretensão, de superioridade sobre as outras pessoas; e a arrogância, altivez, a autoconfiança exagerada”. Já a arrogância é definida assim: “o ato ou efeito de arrogar(-se), de atribuir a si direito, poder ou privilégio; é a qualidade ou caráter de quem, por suposta superioridade moral, social, intelectual ou de comportamento, assume atitude prepotente ou de desprezo com relação aos outros; orgulho ostensivo, altivez”. É, ainda, “a atitude desrespeitosa e ofensiva em atos ou palavras; insolência, atrevimento, ousadia”.

Finalmente, “prepotência diz respeito ao poder mais alto, ao abuso do poder ou de autoridade; opressão, tirania, despotismo”, mais ligada ao exercício de poder coletivo. De fato, estamos aqui diante de dois termos com sentido de alguém arvorar-se previamente e por si só ao exercício de poder ou domínio abusivo sobre um grupo social qualquer.

Ao invés de prepotência, que tal **ONIPOTÊNCIA**, para continuarmos na letra “o”? Mas esta, só a divina, não é mesmo? Um dos atributos de Deus listados pelos Espíritos da Codificação, conforme a questão 13 de “O Livro dos Espíritos”. Onipotente ou Todo-Poderoso, como se referem eles, porque é único. Ninguém pode mais do que Ele. Não há rivais, soberanos do Mal.

Não nos esqueçamos, porém, de um detalhe. Pelo fato de poder tudo, não significa que realmente ele faz tudo. Por exemplo, Ele não derroga as leis por Ele mesmo criadas porque, além de onipotente, Ele é perfeito. Então, não poderia elaborar leis imperfeitas. Se as leis são perfeitas, não precisam de reparos ou de exceções. Já se bastam por si para regular não só a vida das pessoas como o funcionamento de todo o universo. É a nossa pequenez e, mais uma vez, o orgulho, que faz com que muitas vezes, duvidemos de suas intenções.

PAGAR. E agora, para concluir, uma palavra iniciada pela letra “p”. Nós espíritas utilizamos com mais frequência o termo expiar, sinônimo de pagar. As expiações estão atreladas à lei de causa e efeito.

Pagar uma dívida pode ser feito através de maneiras diversas: em espécie, através de uma operação bancária, na permuta de um objeto ou compensações outras. Assim, também, as expiações morais. Para quitar uma dívida moral, seja por uma transgressão direta às leis de Deus ou infligida a um nosso semelhante, a reparação pode ocorrer pela vivência de uma experiência idêntica ou através da prática do Bem capaz de restabelecer o equilíbrio e restaurar a paz de consciência.

Como nos lembra as palavras do apóstolo Pedro, o amor cobre uma multidão de pecados. O que se sucedeu na vida de Paulo de Tarso após a conversão na estrada de Damasco é outro exemplo oportuno.

Materializações luminosas

O exemplar que dispomos é da 4ª edição, do ano de 1993 – 15º ao 16º milheiro, publicação da Federação Espírita do Estado de São Paulo e seu autor é Américo Ranieri, à época delegado de polícia, e tem 252 páginas.

O livro é dividido em cinco partes: a primeira ele denominou de “Fenômenos de materialização realizados através da mediunidade de Francisco Lins Peixoto” ou Peixotinho como ficou conhecido no meio espírita.

A primeira surpresa é a revelação que o autor faz sobre uma materialização do espírito de sua própria filha, desencarnada em 1945 aos dois anos de idade, e que deixou uma flor orvalhada no recinto.

Seguem-se as descrições de inúmeros e inusitados fenômenos de materialização como, por exemplo, do espírito José Grosso que, em determinada sessão, atirou 10 ou 12 pedras, gritando o nome dos destinatários, nos pés, mas sem atingi-los.

Presença frequente nestas sessões, materializado, o espírito Scheilla fez uma exortação evangélica, reproduziu frases dos encarnados em letreiros luminosos, com luz de luar brotando dos tecidos. Os letreiros luminosos surgiam após alguém dizer uma frase qualquer, saindo de imediato e pronto da cabine, flutuando e movendo-se.

Em certa ocasião, os espíritos atuantes apresentaram um aparelho espiritual com o qual todos podiam ver o interior do corpo e por ele a mão retirando material; o aparelho era uma espécie de disco gelatinoso.

Em outra sessão, cerca de 30 cravos foram distribuídos, brancos para os homens e vermelhos para as mulheres, na completa escuridão. Em outra oportunidade, Peixotinho, com luz esverdeada interiormente, foi visto e testado pelo próprio autor do livro e mais sete pessoas. Constataram que não era tinta.

Páginas à frente, o livro traz fotografias de moldes em gesso e parafina da mão e do pé do espírito da filha de Ranieri cujo nome era Heleninha. Luvas, mãos e pés de outros espíritos também tiveram seus registros fotográficos e são apresentados no livro.

E aqui precisamos fazer um parêntese para explicar como se obtém estes moldes em parafina. É Ranieri quem explica: *O espírito materializado para realizar o trabalho de confecção das luvas ou mãos ou pés, aproxima-se das latas e mergulha no líquido de parafina fervente o membro que deseja reproduzir em cera... o espírito com a outra mão vai derramando parafina líquida sobre a primeira mão já recoberta com a camada inicial. Quando julga que a luva está como deseja, mergulha a mão recoberta de parafina fervente na água fria e desmaterializa a mão espiritual, que desaparece, deixando dentro da água apenas a luva de parafina. Se enchermos a luva assim fabricada com gesso molhado, fica a reprodução fiel da mão humana... As luvas feitas pelos espíritos são inteiriças, não apresentam emendas. Reproduzem todos os sinais que haja no membro.*

Geralmente as materializações de espíritos são opacas, mas as de Peixotinho eram luminosas, fluorescentes, iluminando todo o ambiente; verdadeiros “Espíritos de Luz”.

Na segunda parte Ranieri continua apresentando casos de materialização através de outro médium, agora Fábio Machado, em Belo Horizonte. Desse capítulo constam, entre outras, as materializações do espírito Palminha.

Os mesmos espíritos que se materializavam com Peixotinho no Rio de Janeiro manifestaram-se em Belo Horizonte com o médium Fábio Machado que não conhecia o primeiro, não vira suas sessões e os espíritos materializados tinham todas as características idênticas.

Um caso ainda mais extraordinário e com o resultado fotografado foi uma aquarela pintada pelo espírito Tongo, materializado, e que reproduziu outro espírito, Araci, o guia espiritual do médium Peixotinho. O mesmo espírito-pintor fez um retrato em aquarela de Allan Kardec.

Outro caso curioso aconteceu quando um espírito chupou uma bala cristalizada. Do pacote de balas comprado por Ranieri, o espírito Zé Grosso iluminou uma a uma cada pessoa presente, cerca de 25 pessoas, com uma lanterninha de luz verde fluorescente e entregou as balas e ao mastigarem explodiam em luz. Quando jogavam fragmentos na mão ou sob a sola do sapato também explodiam e lançavam luz. Alguns levaram para casa destas balas ou fragmentos e até 24 horas depois, em quarto escuro, saía luz.

Outro fenômeno envolvendo efeitos luminosos deu-se em Belo Horizonte com o médium Fábio Machado com um aparelho que vertia pingos de luz azul, verde, rosa e que “explodiam” dentro de copos com água, constituindo remédios para diferentes pacientes, conforme a cor.

Ranieri conta que o espírito chamado Palminha brincava com os assistentes: dava tapas, empurros, suspendeu um menino. Um espírito dançou com pandeiro mais de duas horas, mas não para divertimento. As energias retiradas foram destinadas para doentes distantes.

Na terceira parte, o autor descreve outros fenômenos de materializações com os médiuns Peixotinho e Fábio Machado. Um globo luminoso vermelho foi materializado na cabine, por exemplo.

Na quarta parte, fenômenos semelhantes produzidos por outros espíritos. E na última, o autor descreve as famosas materializações de Pedro Leopoldo e apresenta diversas fotos de espíritos materializados com destaque nelas para a emissão de ectoplasma.

Segundo suas observações, há dois tipos de materialização: a) no perispírito do espírito e b) usando o perispírito do médium quando, às vezes, há mistura de traços, com características dos fenômenos de transfiguração.

Os detalhes que cercam estas sessões e estão descritas no livro são realmente impressionantes e aí só há um modo de apreciá-los integralmente, ou seja, lendo “Materializações Luminosas”. Este livro é espetacular e deveria ser lido por todos os espíritas e por todas as pessoas que gostam de conhecer e estudar fenômenos mediúnicos desta ordem como as aparições, materializações, etc até porque todas as informações estão devidamente documentadas por uma pessoa que foi por delegado de polícia e um jornalista sério e responsável.

